



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

ISSN 1678-2089
ISSNe 2178-9258

www.periodicos.ufc.br/contextus

Sentidos do trabalho para mulheres na profissão tatuadora

Meanings of work for women in the tattoo profession

Sentidos del trabajo para la mujer en la profesión del tatuaje

<https://doi.org/10.36517/contextus.2025.95451>

Richeila Gabriele Moura da Silva

<https://orcid.org/0009-0009-6557-7365>

Graduada em Administração pela
Universidade Federal do Ceará (UFC)
gabrielmoura@alu.ufc.br

Bruno Chaves Correia-Lima

<https://orcid.org/0000-0003-0049-8788>

Professor na Universidade Federal do Ceará
(UFC)
Doutor em Administração pela Universidade
Federal da Bahia (UFBA)
brunocorreialima@ufc.br

Tereza Cristina Batista de Lima

<https://orcid.org/0000-0002-6594-4921>

Professora aposentada da Universidade
Federal do Ceará (UFC)
Doutora em Educação Brasileira pela
Universidade Federal do Ceará (UFC)
tcblima@uol.com.br

Rafaela de Almeida Araújo

<https://orcid.org/0000-0002-1828-0683>

Doutoranda em Administração e Controladoria
na Universidade Federal do Ceará (UFC)
Mestre em Administração e Controladoria pela
Universidade Federal do Ceará (UFC)
rafaela.aa@gmail.com

RESUMO

Contextualização: Este estudo investiga os sentidos atribuídos ao trabalho por mulheres tatuadoras, uma profissão historicamente dominada por homens. A presença feminina nesse campo desafia normas de gênero e tensiona os limites entre arte, trabalho e reconhecimento, especialmente em um cenário de transformações sociais que ainda carrega fortes estigmas e preconceitos.

Objetivo: Analisar como as tatuadoras percebem e atribuem sentido ao seu trabalho. Busca-se explorar as dimensões individual, organizacional e social que influenciam essas percepções.

Método: A pesquisa é qualitativa e utilizou entrevistas semiestruturadas com 14 tatuadoras de Fortaleza, Ceará. A análise foi conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo, organizada em três dimensões: individual, organizacional e social. Cada dimensão foi detalhada em categorias e unidades de registro. O software ATLAS.ti foi utilizado para organização e codificação das informações.

Resultados: Os resultados indicam que as tatuadoras associam seu trabalho a uma forte percepção de autonomia, realização pessoal e expressão artística. As participantes também apontam o impacto positivo que suas atividades têm sobre a vida de seus clientes como um aspecto positivo. Entretanto, elas relatam enfrentar desafios relacionados à discriminação de gênero e ao estigma social que ainda cercam a profissão. Embora a valorização da atividade esteja em crescimento, barreiras culturais e preconceitos persistem.

Conclusões: A pesquisa trouxe implicações teóricas ao ampliar o entendimento sobre o sentido do trabalho em profissões relacionadas à criatividade e a questões de gênero. Metodologicamente, a utilização da análise de conteúdo foi eficaz para captar as nuances dessas percepções. Socialmente, os resultados indicam a persistência de preconceitos associados à tatuagem e estigmas de gênero. O valor da pesquisa reside em explorar uma profissão que está se popularizando e sub-representada, contribuindo com novas perspectivas para os estudos de gênero e trabalho.

Palavras-chave: Sentidos do Trabalho; Mulheres Tatuadoras; Gênero; Profissão.

ABSTRACT

Background: This study investigates the meanings attributed to work by female tattoo artists, a profession historically dominated by men. The female presence in this field challenges gender norms and puts pressure on the boundaries between art, work, and recognition, especially in a context of social transformations that still carry strong stigmas and prejudice.

Purpose: To analyze how female tattoo artists perceive and attribute meaning to their work. The study aims to explore the individual, organizational, and social dimensions that influence these perceptions.

Method: This is a qualitative study based on semi-structured interviews with 14 female tattoo artists from Fortaleza, Ceará (Brazil). Data analysis was conducted using content analysis, structured into three dimensions: individual, organizational, and social. Each dimension was detailed into categories and recording units. The software ATLAS.ti was employed for data organization and coding.

Results: The findings indicate that the participants associate their work with a strong sense of autonomy, personal fulfillment, and artistic expression. They also highlight the positive impact of their practice on clients' lives as a meaningful aspect of their professional identity. Nevertheless, they report challenges related to gender-based discrimination and persistent social stigma surrounding the profession. Although the field has gained increased recognition, cultural barriers and prejudices remain.

Conclusions: The study provides theoretical contributions by expanding the understanding of work meaning in professions related to creativity and gender. Methodologically, the use of content analysis was effective in capturing the nuances of participants' perceptions. From a social perspective, the findings underscore the persistence of prejudices associated with tattooing and gender stigma. The value of the research lies in examining an emerging and underrepresented profession, offering new insights to the field of gender and work studies.

Informações sobre o Artigo

Submetido em 12/04/2025

Versão final em 06/08/2025

Aceito em 08/08/2025

Publicado online em 17/09/2025

Comitê Científico Interinstitucional
Editor-Chefe: Diego de Queiroz Machado
Editor Associado: Rafael Fernandes de Mesquita

Avaliado pelo sistema *double blind review*
(SEER/OJS – versão 3)



Keywords: Meanings of Work; Female Tattoo Artists; Gender; Profession.

RESUMEN

Contextualización: Este estudio investiga los sentidos atribuidos al trabajo por mujeres tatuadoras, una profesión históricamente dominada por hombres. La presencia femenina en este campo desafía las normas de género y tensiona los límites entre arte, trabajo y reconocimiento, especialmente en un contexto de transformaciones sociales que aún arrastra fuertes estigmas y prejuicios.

Objetivo: Analizar cómo las tatuadoras perciben y atribuyen sentido a su trabajo. Se busca explorar las dimensiones individual, organizacional y social que influyen en dichas percepciones.

Método: La investigación es cualitativa y utilizó entrevistas semiestructuradas con 14 tatuadoras de Fortaleza, Ceará. El análisis de los datos se realizó mediante la técnica de análisis de contenido, organizada en tres dimensiones: individual, organizacional y social. Cada dimensión fue detallada en categorías y unidades de registro. El software ATLAS.ti fue empleado para organización y codificación de datos.

Resultados: Los resultados indican que las participantes asocian su trabajo con una fuerte percepción de autonomía, realización personal y expresión artística. También destacan el impacto positivo que su práctica tiene en la vida de sus clientes como un aspecto significativo. No obstante, reportan desafíos relacionados con discriminación de género y estigma social que aún rodea a la profesión. Aunque el reconocimiento de la actividad está en expansión, persisten barreras culturales y prejuicios.

Conclusiones: La investigación ofrece contribuciones teóricas al ampliar la comprensión del sentido del trabajo en profesiones vinculadas con creatividad y género. Metodológicamente, el uso del análisis de contenido fue eficaz para captar las sutilezas de las percepciones de las participantes. Desde una perspectiva social, los hallazgos evidencian la persistencia de prejuicios asociados al tatuaje y estigmas de género. El valor del estudio radica en visibilizar una profesión emergente y subrepresentada, aportando nuevas perspectivas a los estudios de género y trabajo.

Palabras clave: Sentidos del Trabajo; Mujeres Tatuadoras; Género; Profesión.

Como citar este artigo:

Silva, R. G. M., Correia-Lima, B. C., Lima, T. C. B., & Araújo, R. A. (2025). Sentidos do trabalho para mulheres na profissão tatuadora. *Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 23, e95451. <https://doi.org/10.36517/contextus.2025.95451>

1 INTRODUÇÃO

O trabalho tem sido objeto de estudos em diversas áreas do conhecimento, dada sua centralidade na vida humana e seu impacto em múltiplas dimensões da existência. A relação entre o ser humano e o trabalho é complexa e multifacetada, ultrapassando os aspectos puramente econômicos e alcançando dimensões psicossociais e existenciais. O trabalho não se restringe a simples atividades produtivas; ele desempenha um papel importante na vida humana, conferindo dignidade, propósito e reconhecimento social. Além disso, pode ser interpretado como uma expressão da identidade e autenticidade do indivíduo, permitindo-lhe desenvolver experiências e contribuir para o bem-estar coletivo (Moraes, 2021), proporcionando integração social e atribuição de significado à existência (Rohm; Lopes, 2015; Neves *et al.*, 2018). Autores como Peterson (2018) e Frankl (2018) destacam a relevância do trabalho na atribuição de sentido e propósito à vida, apontando sua importância como condição fundamental da existência humana.

A análise dos sentidos do trabalho é fundamental para compreender a relação entre os indivíduos e suas atividades laborais, que variam conforme os contextos históricos e culturais. Morin, Tonelli e Pliopas (2003) destacam que o sentido do trabalho vai além da remuneração, incluindo aspectos como a contribuição para a sociedade, o desenvolvimento pessoal e a realização de atividades com valor agregado. Sob essa ótica econômica ampliada, o trabalho é visto como um meio de crescimento individual e social, transpondo a mera troca de tempo por dinheiro.

Em revisão sistemática da literatura, Costa e Vieira (2024) indicaram haver ascensão de interesse em pesquisas empíricas que abordem o sentido no trabalho. Destaca-se a importância da investigação do sentido no trabalho em contextos específicos, envolvendo questões sociais relevantes, como questões de gênero (Sá, Lemos & Oliveira, 2022), bem como as relações de sentido no trabalho com outros aspectos comportamentais, como criatividade (Hidayat *et al.* 2023; Letona-Ibañez *et al.* 2021; Zhang & Xie, 2024; Duan *et al.*, 2023). No entanto, nota-se que tais investigações ainda se concentram majoritariamente em profissões formalizadas, inseridas em estruturas organizacionais convencionais. A presente pesquisa busca contribuir para esse campo ao analisar os sentidos do trabalho atribuídos por mulheres tatuadoras, uma profissão criativa, informalizada e historicamente masculinizada. Ao trazer à tona um recorte empírico pouco explorado na literatura, o estudo amplia a compreensão sobre as dinâmicas de sentido do trabalho em contextos nos quais o gênero, a estética e a autonomia se entrelaçam de maneira complexa.

O trabalho de tatuar, enquanto profissão, vai além de uma simples aplicação de desenhos na pele; ela é um tema de relevância que aborda questões complexas relacionadas à identidade, expressão pessoal, desafios profissionais e superação de estigmas de gênero. Historicamente associada a subculturas masculinas, a presença de mulheres nesse campo desafia padrões e preconceitos (Kluger, 2015). Para muitas tatuadoras, o trabalho não é apenas uma profissão, mas uma forma de expressão artística, empoderamento e autenticidade (Thompson, 2019). Contudo, essas profissionais enfrentam barreiras de reconhecimento e discriminação, conforme destacado por Thompson (2015), o que destaca a necessidade de investigar as dinâmicas de gênero na tatuagem.

A escolha do tema justifica-se pela relevância do trabalho das tatuadoras, que alia expressão artística à construção de identidade e bem-estar. Apesar de sua crescente popularidade, o trabalho das tatuadoras muitas vezes é marginalizado e enfrenta preconceitos na sociedade, refletindo estigmas históricos associados à tatuagem (Araújo *et al.* 2022). Profissionais desse campo enfrentam preconceitos e a necessidade de legitimar sua profissão, o que evidencia a importância de investigar as experiências dessas mulheres. Esse contexto também revela a relevância da solidariedade entre as tatuadoras, elemento apontado por Araújo, Catrib e Lima (2022) como fundamental para superar desafios e promover empoderamento por meio da sororidade.

Apesar do crescimento de estudos sobre sentidos do trabalho, há uma escassez de investigações que abordem esse construto em profissões criativas, informalizadas e marcadas por estigmas de gênero, como é o caso da tatuagem. Além disso, a aplicação do modelo de Morin *et al.* (2003/2007) em contextos fora das organizações formais ainda é incipiente, o que reforça a relevância teórico-metodológica deste trabalho. Essa lacuna teórica e empírica compromete a compreensão das experiências de mulheres que atuam em campos marginalizados, como é o caso da tatuagem. Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo analisar os sentidos do trabalho para mulheres na profissão tatuadora, considerando as dimensões individual, organizacional e social do trabalho. A partir disso, busca-se responder à seguinte pergunta: Como mulheres tatuadoras atribuem sentido ao seu trabalho em um campo profissional marcado por estigmas de gênero e desafios sociais?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Sentidos do trabalho

Desde perspectivas filosóficas até abordagens psicossociais contemporâneas, o trabalho é compreendido como uma atividade central à vida humana, capaz de conferir dignidade, sentido e pertencimento (Frankl, 2018; Peterson, 2018). Estudos mais recentes também têm ampliado o debate sobre os sentidos do trabalho ao integrarem contribuições de autores como Morin (2001, 2002) e Antunes (1999, 2006), promovendo um diálogo entre as abordagens psicossociais e

críticas do trabalho. Nesse sentido, Costa, Paiva e Rodrigues (2022) discutem a potencial complementaridade entre os modelos teórico-epistemológicos, ressaltando a importância de se considerar as transformações do mundo do trabalho e seus impactos sobre a subjetividade e as práticas laborais.

O conceito de “sentido do trabalho” é intrinsecamente complexo, pois envolve uma multiplicidade de fatores que ultrapassam a compreensão intuitiva. Embora frequentemente entendido de maneira subjetiva e pessoal, sua definição também é moldada por aspectos sociais, culturais e interpretativos, o que dificulta uma explicação precisa. Como apontam Rodrigues, Barrichello e Morin (2016), essa complexidade decorre da interação entre subjetividade, interpretação e os contextos sociais e culturais que influenciam a percepção do trabalho.

Morin, Tonelli e Pliopas (2003) apresentam os sentidos do trabalho em três dimensões principais: a dimensão individual, que explora o significado do trabalho para o próprio indivíduo; a dimensão organizacional, que analisa a relação do trabalho com a estrutura e cultura da organização; e a dimensão social, que considera o impacto do trabalho na sociedade. No Brasil, essas ideias foram adaptadas também por Morin, Tonelli e Pliopas (2007) em um roteiro de pesquisa realizado com estudantes de Administração. Os resultados indicaram que o trabalho é essencial e que os indivíduos buscam utilidade tanto para si mesmos quanto para a sociedade. O modelo proposto considera a dimensão individual, que engloba aspectos como satisfação pessoal, independência e sobrevivência, crescimento e identidade; a dimensão organizacional, que inclui a utilidade e os relacionamentos proporcionados pelo trabalho; e a dimensão social, composta pela inserção e contribuição social do trabalho.

A pesquisa de Hu e Zhang (2024) revelou que as percepções dos indivíduos sobre o sentido do trabalho podem mudar em contextos de dificuldades econômicas. Embora o trabalho atenda a funções financeiras e não financeiras, a pesquisa descobriu que pessoas em países com maiores taxas de desemprego relataram menos ênfase no significado do trabalho não financeiro e mais foco no significado do trabalho financeiro do que aquelas em países com menores taxas de desemprego.

Estudos empíricos investigaram o sentido do trabalho de mulheres em ocupações predominantemente masculinas. Por exemplo, a pesquisa de Sá, Lemos e Oliveira (2022) encontrou que policiais mulheres destacam enquanto sentido o prazer e o senso de propósito por realizarem um trabalho percebido como socialmente relevante, além de ressaltarem também a independência financeira e o prestígio possibilitados pela remuneração recebida.

Outros estudos têm encontrado relação positiva significativa entre sentido no trabalho e aspectos ligados à criatividade (Hidayat *et al.* 2023; Letona-Ibañez *et al.* 2021; Zhang & Xie, 2024; Duan *et al.*, 2023). A pesquisa de Hidayat *et al.* (2023) junto a trabalhadores do setor de conteúdo de uma indústria televisiva na Indonésia relevou relação direta entre significado do trabalho são fatores relevantes que estimulam e aumentam diretamente a criatividade dos funcionários. Já o estudo de Letona-Ibañez *et al.* (2021) em junto a trabalhadores na Espanha revelou que o significado do trabalho medeia a relação entre job crafting e engajamento. Em pesquisas junto a trabalhadores chineses também foi encontrado papel mediador de sentido no trabalho, especificamente nas relações entre: (i) liderança paternalista e a criatividade dos funcionários (Duan *et al.* 2023); e (ii) comportamento de expansão de limites e desempenho criativo (Zhang & Xie, 2024).

Ainda que o modelo de Morin *et al.* (2003; 2007) ofereça uma estrutura conceitual relevante para compreender os sentidos do trabalho, sua aplicação em contextos informalizados e estigmatizados exige cautela crítica. Como alertam Ferraz e Fernandes (2019), o foco da autora na adaptação do sujeito ao trabalho pode obscurecer experiências laborais marcadas por precariedade, informalidade ou estigmatização social. A utilização acrítica de seus instrumentos metodológicos tende a capturar majoritariamente sentidos positivos, ignorando fatores estruturais que afetam profundamente a vivência do trabalho. Neste estudo, ao aplicar o referencial de Morin no campo das tatuadoras, buscou-se considerar tais limitações e operar uma leitura situada e reflexiva, comprometida com a visibilidade de sentidos diversos – inclusive os que escapam à lógica da valorização do capital – e com a complexidade das práticas laborais em profissões criativas e informalizadas.

Por fim, reconhece-se que os sentidos do trabalho são construções subjetivas que emergem de práticas sociais historicamente determinadas. No entanto, conforme argumenta Antunes (2006), compreender esses sentidos exige romper com a naturalização do trabalho assalariado como única forma legítima de atividade produtiva. A análise crítica das condições concretas de existência, especialmente no campo das profissões informalizadas e criativas, revela contradições que desafiam os modelos tradicionais de análise. Assim, este estudo parte do reconhecimento de que os sentidos atribuídos ao trabalho por mulheres tatuadoras são atravessados não apenas por suas experiências subjetivas, mas também por estruturas sociais que podem tanto limitar quanto possibilitar novas formas de realização pessoal e profissional.

2.2 Gênero e trabalho

A história do trabalho humano reflete as transformações sociais e tecnológicas, desde sua origem associada à sobrevivência até sua centralidade na estrutura social, com a divisão funcional da Idade Antiga e a mecanização medieval (Fontana, 2021; Veschi, 2019). No capitalismo contemporâneo, o trabalho é marcado pela alienação, onde o trabalhador se vê distanciado do produto de sua atividade, contribuindo para a desigualdade e o distanciamento social (Mata, 2022).

A inserção feminina no mercado de trabalho ganhou força após as Guerras Mundiais, com as mulheres assumindo novas funções. A partir da década de 1990, mudanças na estrutura produtiva aumentaram a flexibilidade contratual e expandiram o trabalho informal. No século XXI, a formalização trouxe acesso a direitos e reduziu desigualdades salariais, promovendo uma distribuição mais justa da riqueza gerada (Martins & Oliveira, 2017; Mattos, 2015). Blanco (2019) aponta que essa inserção, apesar de significativa, ainda é marcada por desigualdades estruturais que reproduzem o padrão de divisão de tarefas de gênero, reforçando a sub-representação das mulheres em posições de liderança.

Ampliando esse debate, Zimmermann (2023) ressalta que a construção social de gênero não apenas organiza as posições no mercado de trabalho, mas também estrutura as formas de conhecimento que o legitimam. Epistemologias feministas e trans* desafiam as concepções tradicionais que naturalizam a divisão sexual do trabalho, evidenciando como ela reforça desigualdades estruturais – como a disparidade salarial, o acesso desigual a cargos de liderança e a precarização das condições de trabalho para mulheres e pessoas trans. Essas abordagens também criticam o androcentrismo e a cisnormatividade dos saberes hegemônicos, propondo a inclusão das experiências de sujeitos marginalizados nas análises sobre o trabalho. Ao fazê-lo, não apenas desconstrói desigualdades de gênero, mas contribui para a construção de práticas laborais mais equitativas e respeitadas às diversidades de identidade e expressão de gênero.

Ao se discutir sobre os desafios profissionais, percebe-se que, para os homens, o acesso é geralmente mais fácil, com um foco maior em suas carreiras e futuro. Por outro lado, as mulheres enfrentam grandes desafios devido à chamada “dupla jornada”, que envolve conciliar as responsabilidades profissionais com as responsabilidades familiares, lidando com o trabalho durante o dia e as tarefas domésticas nos momentos de folga. Essa realidade torna essencial que as mulheres sejam vistas de forma mais profissional, não mais como talentos de segunda categoria, mas como profissionais capazes de alcançar uma evolução significativa em suas carreiras, superando os obstáculos impostos pela divisão tradicional de papéis de gênero (Silva; Berrá, 2018).

Embora esta pesquisa se concentre nas experiências de mulheres cisgênero, reconhece-se que as dinâmicas do trabalho também são influenciadas por expressões de gênero que não se enquadram nas categorias binárias de homem e mulher. Estudos recentes têm destacado que pessoas trans, não-binárias e outras identidades dissidentes enfrentam desafios específicos no acesso ao mercado de trabalho, no reconhecimento profissional e na construção de sentido em suas atividades (Galvão, Casa Nova e Círico, 2025). A ausência dessas experiências no presente estudo está relacionada ao perfil das participantes e ao recorte metodológico adotado, mas não implica em negligência da relevância do tema. Pelo contrário, indica a necessidade de que futuras pesquisas ampliem a abordagem sobre gênero e trabalho, considerando as múltiplas formas de vivência e expressão de identidade que atravessam o campo da tatuagem e outras profissões criativas. Blanco (2019) destaca que a desnaturalização dos papéis de gênero na sociedade e no ambiente profissional é fundamental para garantir direitos e reconhecimento às diversidades de experiência, combatendo a discriminação e promovendo a justiça social no trabalho.

2.3 Mulheres na tatuagem

Historicamente, a tatuagem foi associada a subculturas masculinas, o que tornou a presença de mulheres tatuadoras uma novidade e um desafio para a quebra de padrões e preconceitos (Kluger, 2015). No entanto, para muitas mulheres nesse campo, o trabalho supera a mera atividade profissional, representando uma forma de expressão artística, empoderamento e autenticidade (Thompson, 2019). A entrada crescente de mulheres no mercado da tatuagem desafia as normas de gênero estabelecidas, refletindo uma mudança significativa na dinâmica desse campo profissional. A tatuagem tem sido palco de transformações que evidenciam a resistência e a busca por igualdade por parte das mulheres tatuadoras. A presença feminina no cenário da tatuagem tem sido marcada por um percurso repleto de desafios e conquistas, revelando uma batalha contínua por reconhecimento e equidade em um mercado historicamente dominado por homens (Mifflin, 2013).

No entanto, essa entrada no mercado levanta questões importantes sobre desigualdade, discriminação e assédio no ambiente de trabalho. Conforme Mifflin (2013) destaca em seu livro “Bodies of Subversion”, a luta das mulheres tatuadoras por reconhecimento e respeito reflete não apenas a resistência contra estigmas sociais, mas também a busca por espaços inclusivos e seguros dentro dessa indústria. Adams (2012) destaca a questão da profissionalização e do manejo do estigma nas áreas de cirurgia estética e tatuagem, ressaltando os desafios sociais e culturais enfrentados pelas mulheres tatuadoras em seu ambiente de trabalho. Estudos acadêmicos exploram a relação das mulheres com a tatuagem, analisando questões de identidade, empoderamento e resistência. Thompson (2015) destaca que a tatuagem, como forma de expressão artística e corporal, permite que as mulheres reivindiquem seus corpos e narrativas, desafiando normas estéticas e sociais preestabelecidas. A pesquisa acadêmica sobre mulheres na tatuagem pode contribuir significativamente para uma compreensão mais aprofundada dos desafios, conquistas e experiências dessas profissionais (Thompson, 2015).

A pesquisa realizada por Araújo *et al.* (2022) revela que, apesar das conquistas femininas, a marginalização da profissão ainda persiste, especialmente devido à falta de uniformidade na formação e à percepção negativa associada ao

trabalho de tatuagem. A profissão, antes vinculada a subculturas masculinas, passou por uma ressignificação a partir da década de 1970, permitindo a inclusão de mulheres e a classe média nesse universo (Thompson, 2019; Kluger, 2015). Essa mudança não apenas ampliou o espaço para a expressão artística, mas também desafiou os estereótipos de gênero que cercam a tatuagem. Schlösser et al. (2020) examinaram uma amostra de 316 mulheres brasileiras, das quais metade possuía tatuagens, e observaram que existe entre as mulheres tatuadas uma correlação negativa entre o ato de se tatuar e o uso de drogas ou prostituição.

A presença crescente de mulheres tatuadoras tem contribuído para a ressignificação do estigma associado a essa profissão. Ainda de acordo com pesquisa realizada por Araújo et al. (2022), as tatuadoras entrevistadas relataram que, com o aumento do reconhecimento do trabalho artístico e a valorização de suas habilidades, elas se sentem mais seguras e realizadas em suas carreiras. Essa transformação é fundamental, pois não apenas promove a inclusão de mulheres em um espaço tradicionalmente masculino, mas também oferece uma nova perspectiva sobre a identidade profissional feminina. A luta por um espaço respeitável na profissão de tatuagem é, portanto, um reflexo das mudanças sociais mais amplas que buscam a igualdade de gênero no mercado de trabalho (Siqueira; Samparo, 2017).

As experiências das mulheres tatuadoras são influenciadas por uma interrelação complexa entre sua identidade profissional, sua expressão artística e as percepções sociais sobre a tatuagem feminina. Ao ingressarem em um campo tradicionalmente dominado por homens, as mulheres tatuadoras enfrentam desafios e oportunidades únicas que moldam suas jornadas e práticas profissionais. A busca por reconhecimento, autonomia e afirmação no cenário da tatuagem se entrelaça com questões de gênero, estética e poder, impactando tanto como as mulheres tatuadoras se veem quanto como são percebidas pela comunidade tatuadora e pela sociedade em geral (Siqueira; Samparo, 2017).

Nesse contexto, a resistência e a resiliência demonstradas por essas profissionais diante de estigmas e preconceitos sociais evidenciam não apenas sua habilidade técnica, mas também sua capacidade de redefinir os significados associados à tatuagem feminina. A tatuagem, assim, vai além da sua função estética para se tornar um instrumento de empoderamento e expressão da identidade feminina no contexto profissional da tatuagem (Oliveira & Moura, 2021). Por fim, a valorização da diversidade de gênero no mercado da tatuagem não apenas fortalece a representatividade feminina, mas também enriquece a criatividade e inovação nesse setor em constante transformação. Segundo Araújo et al. (2022), apesar do aumento da participação feminina na tatuagem, ainda existem barreiras a serem superadas, como a conciliação entre vida profissional e familiar, que muitas vezes impõe uma carga adicional sobre as mulheres (Costa, 2023).

Finalizando o referencial teórico que sustenta este estudo, o principal objetivo é analisar os sentidos do trabalho para mulheres na profissão tatuadora. A pesquisa se concentra em três dimensões essenciais: primeiramente, a dimensão individual, analisando como as tatuadoras percebem e vivenciam seu trabalho com base em seus valores e experiências pessoais. Em seguida, explora a dimensão organizacional, investigando como a estrutura e as práticas dos estúdios de tatuagem influenciam a atribuição de significado ao trabalho pelas profissionais. Por último, o estudo caracteriza a dimensão social do sentido do trabalho, avaliando como o trabalho de tatuagem é percebido e valorizado pela sociedade, e como essas percepções impactam a experiência das tatuadoras em seu ambiente social. Essa abordagem permite uma compreensão abrangente dos fatores que moldam o sentido do trabalho na profissão de tatuadora, considerando tanto aspectos internos quanto externos à prática profissional.

3 METODOLOGIA

Neste estudo, foi adotada uma abordagem qualitativa que visa compreender o espaço e a função social dos membros de um grupo ou sociedade. Segundo (Peres, 2019), a pesquisa qualitativa permite explorar profundamente o campo do investigado ou informante, descrevendo as características, qualidades e complexidades do objeto de estudo. Além disso, essa abordagem valoriza a interpretação das informações coletadas, considerando as experiências, percepções, reações e impressões das entrevistadas em relação ao objeto em análise e sua conexão com o mundo. Por meio de ferramentas como a escrita e o diálogo, o pesquisador pode induzir expressões que revelam as complexidades da subjetividade humana, resultando em uma análise mais rica e contextualizada.

Os sujeitos desta pesquisa são compostos por 14 mulheres atuantes como tatuadoras na cidade de Fortaleza, Ceará, selecionadas por acessibilidade. A escolha de Fortaleza se justifica por sua relevância cultural e dinamismo criativo, considerando que os sentidos atribuídos ao trabalho não são fixos ou universais, mas atravessados pelas condições sociais e culturais em que se produzem (Sá, Lemos & Oliveira, 2022). O processo de coleta foi encerrado após a percepção de saturação dos dados. As participantes foram identificadas como “Tatuadora” seguidas por uma numeração, que reflete a ordem em que foram entrevistadas, variando de 01 a 14. Em termos de estado civil, 8 participantes se declararam solteiras, 5 casadas e 1 em união estável. A média de experiência na profissão é de aproximadamente 4 anos e 5 meses, com uma variação notável: a tatuadora com menor tempo de carreira possui 1 ano e 8 meses, enquanto a mais experiente conta com 10 anos de atuação. A idade média das participantes é de 28,14 anos, com idades variando entre 20 e 34 anos. Notavelmente, a maioria possui formação de nível superior, abrangendo áreas como Arquitetura, Design de Moda e Comunicação Social. Neste estudo, as entrevistas conduzidas foram realizadas de forma online via *Google Meet* e

individual, registradas com o uso de um gravador de áudio previamente autorizado pelas participantes. Foi garantido que suas identidades seriam preservadas, sem mencionar seus nomes. As entrevistas ocorreram entre os dias 17 de junho e 05 de julho de 2024, totalizando 8 horas, 58 minutos e 09 segundos de gravação.

Reconhece-se que a amostragem por acessibilidade pode limitar a diversidade do universo estudado, uma questão que deve ser considerada na análise dos resultados, em consonância com recomendações para maior transparência na condução de estudos qualitativos (Hennink e Kaiser, 2022).

As dimensões individual, organizacional e social do modelo de Morin et al. (2003/2007) foram operacionalizadas como categorias analíticas, com adaptações às especificidades do campo empírico. A dimensão individual foi associada à vivência subjetiva do trabalho; a organizacional, à autonomia na gestão da rotina e às relações nos estúdios; e a social, ao reconhecimento da profissão e aos vínculos com os clientes. Essa adaptação visa garantir coerência interna entre teoria e método, legitimando o uso do referencial em contextos não convencionais.

A estrutura analítica adotada organizou essas unidades em pares mutuamente excludentes, como “identificação” versus “não identificação” e “valorização” versus “não valorização”, de modo a facilitar a sistematização dos dados empíricos. No entanto, reconhece-se que os sentidos atribuídos ao trabalho não se estruturam, na prática, em lógicas dicotômicas rígidas. Esses sentidos não se organizam, na prática, em lógicas dicotômicas rígidas, como apenas presença ou ausência de sentido. Estudos recentes demonstram que a experiência laboral emerge frequentemente de forma ambivalente, parcial ou contraditória, combinando pertença e frustração, realização e dúvida (Alexandrino et al., 2025; Pereira et al., 2021). Assim, a categorização proposta deve ser compreendida como recurso metodológico de análise, e não como representação exaustiva da experiência vivida pelas participantes. A seguir, apresenta-se a Tabela 1 com a organização das categorias, unidades de contexto e unidades de registro.

Tabela 1

Categorias, unidades de contexto e unidades de registro

Categoria de Análise	Unidade de Contexto	Unidades de Registro (trabalho com sentido)	Unidades de Registro (trabalho sem sentido)
Dimensão Individual	Coerência	Identificação Importância	Não Identificação Não Importância
	Alienação	Clareza Objetivo do Trabalho	Não há clareza quanto ao objetivo do trabalho Desconhece o objetivo do trabalho
	Valorização	Valorização do Trabalho Reconhecimento	Não valorização do trabalho Não reconhecimento do trabalho
	Prazer	Gostar do Trabalho	Não gostar do trabalho
	Desenvolvimento	Desenvolvimento Pessoal Crescimento Profissional	Não há desenvolvimento pessoal Não há crescimento profissional
	Sobrevivência e Independência	Retorno Financeiro Necessidades Básicas	Não há retorno financeiro Não atende às necessidades básicas
Dimensão Organizacional	Utilidade	Contribui com o próprio negócio Atende às expectativas	Não é útil para os clientes Não atende às expectativas
	Organização do Trabalho	Diversificado Autonomia Novas ideias ou práticas	Rotineiro Não há autonomia Não há novas ideias ou práticas
	Relações Interpessoal	Desafiador Contato com outros tatuadores Ambiente de trabalho favorável	Não é desafiador Não há contato com outros tatuadores Ambiente de trabalho desfavorável
		Aceitação no trabalho	Discriminação no trabalho
	Utilidade	Contribui com a sociedade	Não contribui com a sociedade
Dimensão Social	Valorização	Valorização pela sociedade Reconhecimento pela sociedade	Não valorização pela sociedade Não reconhecimento pela sociedade
	Relações Interpessoais	Ambiente social favorável	Ambiente social desfavorável
		Aceitação pela sociedade	Discriminação pela sociedade

Fonte: Adaptado pelos autores de Morin, Tonelli e Pliopas (2003; 2007).

Esta pesquisa utilizou a análise de conteúdo para o tratamento dos dados, com base no método descrito por Ferreira (2023), que destaca a importância do domínio do referencial teórico para a realização de inferências significativas. A análise foi realizada com o *software* ATLAS.ti versão 8.6.2, escolhido por sua eficácia na codificação, busca e recuperação de dados em pesquisas qualitativas, otimizando o tempo de análise.

Os resultados em cada categoria foram visualizados utilizando a ferramenta *Network View* do *software* ATLAS.ti 8.6.2, que mapeia as relações entre os códigos em forma de redes. Para cada categoria de análise, as *Network Views* apresentam as citações positivas e negativas correspondentes às diferentes unidades de contexto da pesquisa. As unidades de registro são conectadas às unidades de contexto mediante setas, com cada código identificado por um par de números no formato {x – y}. Nesse par, “x” indica a frequência com que o código foi utilizado, ou seja, o número de citações vinculadas a ele, enquanto “y” representa a densidade do código, indicando o número de outros códigos aos quais ele está associado. Os resultados obtidos foram comparados com o referencial teórico, permitindo alcançar o objetivo deste estudo.

Nesta pesquisa, três unidades hermenêuticas foram desenvolvidas, representando as dimensões individual, organizacional e social do sentido do trabalho. O tratamento dos resultados também incluiu a construção de relações críticas, permitindo a identificação de contradições e uma compreensão mais profunda dos fenômenos investigados, visando esclarecer o significado subjacente aos dados analisados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção apresenta a análise dos sentidos atribuídos ao trabalho por mulheres tatuadoras, com base nas dimensões individual, organizacional e social propostas por Morin et al. (2003/2007). A discussão considera as especificidades da profissão e os elementos que moldam a experiência laboral das participantes, articulando os dados empíricos com o referencial teórico adotado.

4.1 Dimensão individual do sentido do trabalho

Nesta subseção, examina-se como as tatuadoras percebem o sentido do trabalho sob a perspectiva individual. A análise se baseia em aspectos subjetivos que envolvem a relação da profissional com sua atividade, destacando como elas atribuem valor e sentido ao seu trabalho. Para isso, foram exploradas unidades de contexto relacionadas a aspectos destacados por Morin, Tonelli e Pliopas (2003/2007): coerência, alienação, valorização, prazer, desenvolvimento pessoal, além de sobrevivência e independência.

Os resultados são organizados de maneira a revelar tanto os elementos que conferem sentido ao trabalho, como a identificação e a importância, quanto os fatores que o tornam sem sentido, como a ausência de identificação e relevância. Esses dados são sintetizados na Figura 1, que ilustra as unidades de contexto, facilitando uma compreensão visual da análise.

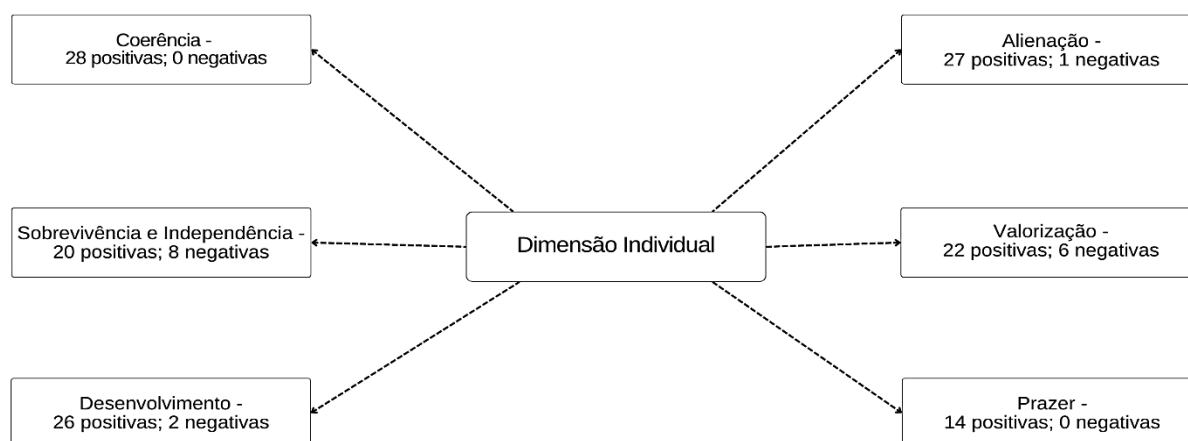


Figura 1. Dimensão individual do sentido do trabalho - Mulheres na profissão tatuadora

Fonte: Dados da pesquisa.

A unidade de contexto “coerência” revelou que todas as participantes atribuem centralidade ao trabalho em suas vidas, expressando identificação plena com a tatuagem como ofício. Essa conexão é evidenciada em falas como: “Demais! (se identifica). Não me vejo fazendo outra coisa” (Tatuadora 01) e “Sim, com certeza. Eu só faria algo que eu gostasse, que fizesse sentido para mim” (Tatuadora 10). Tal coerência entre o que fazem e quem são reforça a ideia de que o trabalho, quando significativo, se entrelaça à identidade, como propõem Rohm e Lopes (2015). Para essas mulheres, tatuar não é apenas exercer uma profissão, mas materializar valores, desejos e estilos de vida – aspecto que se alinha à noção de sentido do trabalho como construção subjetiva e relacional (Morin, 2007). Ao se reconhecerem na atividade que desempenham, as tatuadoras encontram um espaço de afirmação e pertencimento, o que fortalece sua autoimagem e engajamento.

Na análise da unidade de contexto “alienação”, embora as entrevistadas tenham demonstrado clareza e conhecimento sobre os objetivos de seu trabalho, em 27 ocasiões, um relato expressou incerteza, totalizando 28 ocorrências que caracterizam essa unidade. Para aprofundar a compreensão sobre a alienação no trabalho, foi solicitado às tatuadoras que descrevessem suas atividades e refletissem sobre sua clareza quanto aos motivos e à utilidade de seu trabalho. De modo geral, as tatuadoras apresentam um entendimento significativo dos motivos por trás de suas práticas. Como uma delas mencionou: “O fato de eu estar ali, de eu fornecer aquela ferramenta para a pessoa materializar um desejo, é muito importante” (Tatuadora 02). No entanto, a intensidade da rotina pode dificultar essa reflexão. A Tatuadora 12 reconhece que, apesar de compreender o significado de seu trabalho, pode entrar no “fluxo da rotina”, enquanto a Tatuadora 10 expressa uma visão mais ambivalente, afirmando: “Não sei se é uma reflexão que me pega”. Esses dados indicam que, embora o trabalho tenda a ser vivido com sentido, há momentos de distanciamento e automatização que

tensionam esse sentido. Isso reforça a ideia de que a alienação não é um estado fixo, mas um processo oscilante e situado, como discutem Vilas Boas e Morin (2016). A reflexão sobre o que se faz e por que se faz é elemento fundamental para que o trabalho se torne significativo. Nesse sentido, como afirmam Rohm e Lopes (2015), a participação ativa no processo de trabalho possibilita ao indivíduo se reconhecer como sujeito, ressignificando experiências e reduzindo a alienação.

O reconhecimento atribuído ao trabalho das tatuadoras se ancora majoritariamente na valorização por parte dos clientes, especialmente quando há retorno positivo, indicações e identificação com o estilo artístico da profissional. “Receber indicação de amigos e familiares é muito importante” (Tatuadora 03); “Percebo quando o público se identifica com meu estilo” (Tatuadora 06). Esses relatos evidenciam que o reconhecimento simbólico – especialmente o afetivo e estético – é central para a construção de sentido no trabalho. No entanto, esse reconhecimento é frequentemente tensionado por experiências de desvalorização social e econômica. A necessidade de baixar preços, como relatado por uma entrevistada, revela como a arte da tatuagem ainda é marginalizada em determinados contextos, sobretudo quando praticada por mulheres. Isso revela o quanto a valorização simbólica é instável e atravessada por desigualdades de gênero e classe. Morin (2004) destaca que o sentido do trabalho está vinculado à autoestima e ao reconhecimento social, apontando para a relevância das trocas simbólicas na constituição da identidade profissional. Já Araújo et al. (2022) mostram que o reconhecimento das habilidades artísticas das tatuadoras reforça sua segurança e realização, especialmente quando se trata de ocupar espaços ainda marcados por estigmas. Assim, a valorização aparece como um vetor ambivalente: pode reforçar a construção de sentido, mas também revelar as fragilidades da legitimidade social da tatuagem como trabalho, especialmente no caso das mulheres.

A valorização do trabalho das tatuadoras é marcada por uma tensão entre o reconhecimento simbólico de clientes e a desvalorização social mais ampla. As falas revelam que o *feedback* positivo – por meio de indicações, elogios ao estilo e retorno afetivo – atua como elemento central na construção de sentido no trabalho: “Receber indicação de amigos e familiares é muito importante” (Tatuadora 03); “Percebo minha valorização quando o público se identifica com meu estilo” (Tatuadora 06). Esse reconhecimento contribui para a autoestima e a identidade profissional, especialmente quando a tatuagem é vivida como arte e expressão pessoal. Contudo, essa valorização não se sustenta de forma estável. A desvalorização econômica, evidenciada na necessidade de reduzir preços ou lidar com a subestimação do trabalho artístico, revela como esse reconhecimento é fragilizado pelas dinâmicas sociais e econômicas. “Tenho que baixar preço, porque senão não fecha” (Tatuadora 01). Essa contradição explicita o lugar ambíguo ocupado pela tatuagem como ocupação legitimada. Morin (2004) destaca que o sentido do trabalho está fortemente associado ao reconhecimento, que fortalece a identidade e a autoestima. Já Araújo et al. (2022) argumentam que, ao terem suas habilidades artísticas reconhecidas, as mulheres tatuadoras fortalecem sua segurança e se sentem legitimadas em um campo ainda marcado por estigmas e disputas simbólicas. A valorização, portanto, emerge como categoria ambivalente: reforça o sentido do trabalho, mas também revela os limites impostos por desigualdades de gênero e pela precarização simbólica e material da profissão.

O prazer para as entrevistadas, está associado não apenas à prática da tatuagem, mas à experiência relacional que ela possibilita. As participantes relatam satisfação no vínculo com os clientes, no envolvimento com o processo criativo e no efeito emocional que a tatuagem produz. “Adoro todo o processo” (Tatuadora 08); “Você meio que fica energizado quando termina uma tatuagem” (Tatuadora 10). Esses relatos reforçam que o prazer está menos ligado à execução técnica e mais à dimensão afetiva e simbólica da atividade. A literatura corrobora essa relação entre prazer e sentido. Para Piccinini et al. (2004), a experiência prazerosa no trabalho é um dos elementos centrais que o tornam significativo. Canholi et al. (2016) acrescentam que o prazer atua como um mediador entre o fazer cotidiano e a percepção de propósito. No caso das tatuadoras, o prazer não é apenas um indicador de satisfação, mas um vetor de resistência frente à desvalorização social e às pressões do mercado, o que amplia seu valor analítico. Assim, o prazer na tatuagem não se reduz a um sentimento individual, mas se configura como componente estruturante do sentido atribuído ao trabalho, especialmente em contextos marcados por informalidade e reconhecimento instável.

O desenvolvimento pessoal e profissional emergiu como um dos elementos centrais do sentido do trabalho para as entrevistadas. Todas as 14 tatuadoras relataram mudanças subjetivas positivas associadas à prática da tatuagem, como maior segurança, sociabilidade e criatividade, enquanto 12 delas mencionaram crescimento técnico ou artístico. Esse achado reforça o vínculo entre sentido do trabalho e oportunidades de aprimoramento, conforme apontam Morin, Tonelli e Pliopas (2007), para quem um trabalho significativo é aquele que estimula a aquisição de habilidades e o fortalecimento da identidade profissional. Alguns relatos evidenciam esse processo de desenvolvimento como uma experiência transformadora: estar em contato com os clientes ampliou a confiança (Tatuadora 01), a experimentação artística favoreceu a motivação (Tatuadora 06) e a prática constante foi percebida como um espaço de aprendizagem contínua (Tatuadora 12). Esse padrão se alinha a estudos recentes que associam o sentido do trabalho a experiências criativas, autonomia e trocas sociais estimulantes (Hidayat et al., 2023; Letona-Ibañez et al., 2021; Zhang & Xie, 2024; Duan et al., 2023). Contudo, duas entrevistadas sinalizaram limitações nesse processo: uma mencionou a baixa frequência de aprendizados (Tatuadora 02) e outra relatou um sentimento de estagnação (Tatuadora 04). Esses casos ilustram que o desenvolvimento não ocorre de forma homogênea e pode ser atravessado por fatores contextuais, como rotina excessiva,

falta de estímulo externo ou ausência de reconhecimento. Nesse sentido, a ausência de crescimento percebido compromete a significação do trabalho, pois, como apontam Morin et al. (2007), a estagnação pode enfraquecer a identificação com a atividade profissional e reduzir seu potencial de autorrealização.

Na unidade de contexto “sobrevivência e independência”, o retorno financeiro aparece como um dos componentes relevantes na atribuição de sentido ao trabalho. A maioria das entrevistadas avalia positivamente os ganhos obtidos com a tatuagem, apontando que a atividade garante estabilidade e atende às necessidades básicas. Há relatos que destacam o trabalho como principal ou única fonte de renda familiar (Tatuadoras 01, 10, 11, 13), o que evidencia sua centralidade econômica e simbólica. Contudo, essa percepção não é unânime. Algumas participantes expressam insatisfação quanto à remuneração, mencionando instabilidade e dificuldade em arcar com os custos de vida apenas com a tatuagem (Tatuadoras 08 e 12). Esses relatos revelam uma vivência ambivalente da atividade, ora como fonte de autonomia, ora como trabalho precário. Segundo Tolfo e Piccinini (2007), o sentido do trabalho está diretamente relacionado à capacidade da atividade de satisfazer necessidades materiais e simbólicas, como o retorno financeiro, o reconhecimento social e a autorrealização. Nos dados analisados, a tatuagem figura como um espaço possível de autonomia econômica para mulheres – especialmente em um contexto de informalidade –, mas também como campo vulnerável à instabilidade, revelando as contradições presentes na experiência profissional.

A análise da dimensão individual do sentido do trabalho revela uma experiência marcada por complexidade e ambivalência. As entrevistadas demonstram forte identificação com a tatuagem, atribuindo-lhe centralidade existencial, o que reforça a ideia de um trabalho dotado de coerência interna e alinhado à identidade pessoal (Rohm & Lopes, 2015). Apesar disso, a rotina intensa pode limitar a reflexão contínua sobre o propósito do trabalho, gerando momentos pontuais de alienação. O prazer, a valorização simbólica e as possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional emergem como elementos estruturantes da construção de sentido, contribuindo para a autovalorização das participantes. Já o retorno financeiro se apresenta de forma ambígua: embora muitas relatem estabilidade e autonomia, outras experienciam insegurança e precariedade. Esses achados revelam que os sentidos atribuídos ao trabalho são atravessados por tensões entre realização e frustração, autonomia e vulnerabilidade, apontando para a natureza contraditória da experiência laboral em contextos informais e criativos.

4.2 Dimensão organizacional do sentido do trabalho

De maneira geral, a dimensão organizacional do trabalho indica que, para que o trabalho tenha sentido para o trabalhador, é essencial que ele gere resultados, tenha relevância organizacional ou para o grupo, e ofereça algum tipo de utilidade. Além disso, a análise sublinha a importância das relações interpessoais e da organização do trabalho, conforme evidenciado na Figura 2.



Figura 2. Dimensão organizacional do sentido trabalho - Mulheres na profissão tatuadora

Fonte: Dados da pesquisa.

A unidade de contexto “utilidade” revela como o trabalho das tatuadoras se configura como um elemento essencial para a satisfação de seus clientes e para o próprio sentido do trabalho, gerando impacto positivo no negócio e desenvolvimento, seja próprio ou coletivo. Essa percepção é evidenciada tanto em aspectos práticos, como a cobertura de cicatrizes e outras marcas corporais, quanto emocionais, relacionados à autoestima e ao bem-estar das pessoas tatuadas. Todas as 14 tatuadoras destacaram atender ou superar as expectativas dos clientes, o que reforça o sentimento de utilidade no ofício da profissão. Trechos como: “Sim, às vezes o cliente quer fazer uma cobertura ou cobrir uma cicatriz. Sempre recebo *feedbacks* positivos.” (Tatuadora 01). “Ah, eu acho que sim, acho que atendem às expectativas. Acho que às vezes até supera as expectativas. Porque é um processo muito único e todo mundo tem uma concepção, *né?*” (Tatuadora 02). Essa utilidade e estética aproxima-se da noção de sentido do trabalho defendida por Oliveira et al. (2004) que associam o sentido do laboral à percepção de relevância nas tarefas executadas e ao reconhecimento do valor agregado para os outros.

A unidade de contexto “organização do trabalho” explora como a estrutura e a dinâmica do trabalho influenciam o sentido que as tatuadoras atribuem à sua profissão. Foram identificadas oito unidades de registro que refletem a percepção das tatuadoras sobre a organização de seu trabalho, abrangendo aspectos como autonomia, liberdade criativa, rotina, inovação e os desafios envolvidos na prática. Ao questionar se o trabalho é rotineiro, 12 tatuadoras o consideraram variado, mencionando a diversidade de projetos e o contato com diferentes clientes. Por outro lado, 2 tatuadoras percebem uma certa rotina, especialmente em estúdios com promoções que levam à repetição de desenhos. Isso evidencia uma diferença na forma como cada tatuadora experimenta sua prática diária: “Não, muito pelo contrário, ele é super variável, a rotina varia. É bem diversificado.” (Tatuadora 07); “É rotineiro, sim. O processo da tatuagem é sempre o mesmo. A gente é quase um *ballet*.” (Tatuadora 13). Todas as entrevistadas consideram seu trabalho desafiador, destacando o grau de responsabilidade envolvido ao realizar tatuagens, visto que o resultado é permanente. Esse desafio, tanto técnico quanto emocional, contribui para o sentido que elas atribuem ao trabalho: “É desafiador. [...] Tem o de você marcar a pessoa para o resto da vida. [...] É uma responsabilidade muito grande.” (Tatuadora 02); “É, com certeza. Criar algo que vá além do que ele (cliente) quer... superar as expectativas.” (Tatuadora 11). Essa tensão entre criatividade e padronização ilustra como a organização concreta do trabalho pode ampliar ou restringir o significado no trabalho.

A autonomia foi outro aspecto central para o sentido do trabalho, com as tatuadoras ressaltando a liberdade criativa e a capacidade de tomar decisões sobre sua prática. Isso foi especialmente evidente em estúdios predominantemente femininos, onde a flexibilidade e a abertura para novas ideias estão mais presentes: “Tenho total liberdade criativa. Minhas sugestões são geralmente bem recebidas e implementadas.” (Tatuadora 01); “Eu acho que eu tenho autonomia, sim. [...] Isso é um dos pontos mais positivos de trabalhar com tatuagem.” (Tatuadora 06). Segundo Tolfo e Piccinini (2007), a autonomia é essencial para o trabalhador encontrar sentido no que faz, permitindo-lhe utilizar sua criatividade de forma independente e enfrentar desafios de maneira construtiva. No caso das tatuadoras, essa autonomia se traduz em liberdade artística, controle sobre suas agendas e a capacidade de desenvolver um estilo próprio, respondendo às demandas dos clientes de maneira personalizada e inovadora.

A unidade de contexto “relações interpessoais” explora como o ambiente de trabalho e as interações sociais influenciam o sentido do trabalho para as tatuadoras. Foram feitas perguntas relacionadas à convivência com colegas de trabalho, interações com clientes e discriminação no ambiente de tatuagem. Em 23 ocasiões, as tatuadoras descreveram o ambiente de trabalho como favorável, como o prazer em conhecer novas pessoas, ouvir suas histórias e criar conexões significativas durante o processo de tatuagem. Como relata uma das profissionais: “É interessante o contato com o cliente, as histórias, a confiança que a pessoa deposita em você, o carinho que eu recebo no trabalho.” (Tatuadora 02).

No entanto, a discriminação sutil ou explícita, especialmente por serem mulheres, foi mencionada por 5 entrevistadas como um fator que dificulta a percepção de sentido no trabalho. As tatuadoras relatam enfrentar preconceitos, sendo muitas vezes subestimadas em comparação com seus colegas homens. Esses relatos refletem uma luta contínua por reconhecimento e respeito, tanto dentro quanto fora dos estúdios: “A maior questão não é ser tatuadora, mas ser tatuadora mulher. [...] As pessoas sempre vão ter mais preferência por tatuadores homens.” (Tatuadora 14); “O ambiente de trabalho é bom, mas sempre tem aquele julgamento por você ser mulher. [...] Já deixaram de fechar trabalhos comigo por acharem que eu não tinha seriedade.” (Tatuadora 07). Além disso, o ambiente predominantemente masculino do setor de tatuagem pode gerar obstáculos adicionais para as mulheres, que muitas vezes se sentem desvalorizadas ou enfrentam dificuldades que seus colegas homens não enfrentam, conforme destacado: “Eu acho que, como mulher, a gente enfrenta algumas dificuldades que homens não enfrentam, mesmo no meio da tatuagem.” (Tatuadora 13). Apesar das dificuldades mencionadas, 9 tatuadoras afirmaram não ter enfrentado discriminação no exercício de suas atividades, sugerindo variações nas experiências individuais de cada profissional. Mesmo em contextos de aparente liberdade criativa, estruturas simbólicas e sociais moldadas pelo patriarcado seguem produzindo desigualdade de gênero, mas também destacam oportunidades de empoderamento e resistência (Alvesson e Billing 2009; Mifflin, 2013). Para muitas tatuadoras, a profissão serve como uma afirmação de identidade, permitindo-lhes desafiar estigmas e encontrar satisfação pessoal e profissional, como destaca Thompson (2015).

Ao analisar a dimensão organizacional, observa-se um predomínio de percepções positivas (104 registros) sobre o sentido do trabalho, associadas à diversidade de tarefas, à autonomia e às relações interpessoais. Apenas oito registros apontam percepções de ausência de sentido em determinados aspectos dessa dimensão, relacionados a experiências de discriminação e repetitividade. Esses dados reafirmam a relevância da estrutura organizacional como espaço de reconhecimento e liberdade criativa, mas também apontam para limites impostos pela desigualdade de gênero que ainda atravessam o cotidiano das tatuadoras.

4.3 Dimensão social do sentido do trabalho

Na dimensão social do trabalho, o trabalho de tatuadora é percebido com sentido quando contribui e é benéfico para a sociedade, além de ser valorizado por ela. Comparando com os aspectos de utilidade e relações interpessoais, abordados na dimensão organizacional e na valorização da dimensão individual, observa-se que, na dimensão social, o trabalho de tatuadora ganha uma perspectiva mais ampla. Isso se deve ao fato de que ele não apenas contribui para o

desenvolvimento do próprio negócio ou do indivíduo, mas também para o bem-estar da sociedade como um todo. Quando o trabalho não consegue oferecer benefícios ou contribuir para alguém ou para a sociedade, ele perde seu sentido (Oliveira *et al.*, 2004).

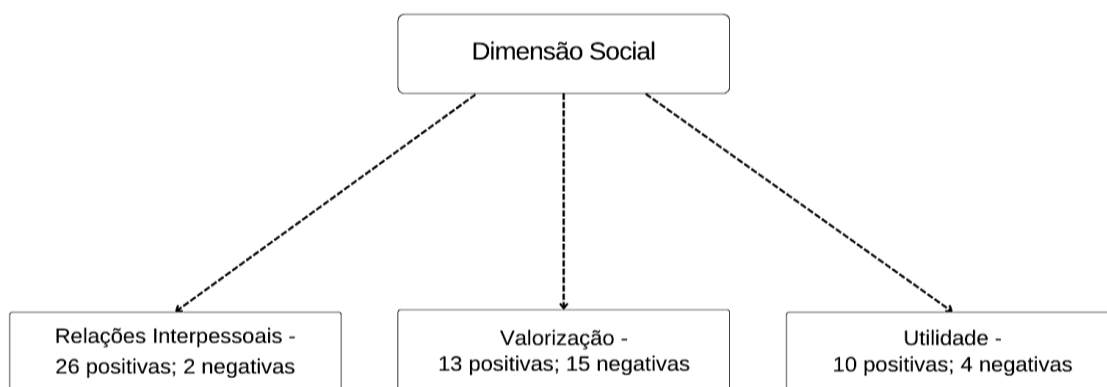


Figura 3. Dimensão social do trabalho - Mulheres na profissão tatuadora

Fonte: Dados da pesquisa.

Na unidade de contexto utilidade, a percepção de utilidade social do trabalho de tatuadora revelou-se ambígua entre as participantes. Embora parte das entrevistadas reconheça que sua atividade contribui significativamente para a sociedade, outras ainda enfrentam o peso de preconceitos e estigmas quanto à falta de compreensão sobre a importância e o impacto das tatuagens, o que diminui a percepção social do valor de seu trabalho. Embora haja progresso na valorização do trabalho, especialmente no contexto dos clientes e da própria profissão. Das 14 ocorrências, 10 tatuadoras consideram que seu trabalho contribui para a sociedade, enquanto 4 revelam percepções de ausência de sentido social no que fazem.

Algumas participantes relacionam diretamente sua prática à transformação emocional e à autoestima. Tatuadora 03 menciona que muitos entendem a importância da tatuagem como uma forma de expressão e mudança de autoestima, enquanto a Tatuadora 02 destaca que pessoas que não se tatuam podem não compreender essa importância e ainda associam tatuagens à marginalidade. Além disso, as tatuadoras também apontam como a prática vai além da estética, assumindo um papel de utilidade pública. A Tatuadora 08 menciona que algumas tatuagens são feitas com o intuito de informar sobre condições de saúde, como o tipo sanguíneo, e que parcerias com instituições, como a Delegacia da Mulher, demonstram o reconhecimento da relevância social da tatuagem. Essas iniciativas não apenas promovem um processo de ressignificação e empoderamento, mas também evidenciam a capacidade do trabalho das tatuadoras de contribuir para o bem-estar e a segurança de indivíduos, assim como de se engajar em causas sociais. Como sugere Morin (2001), ao tratar do trabalho com sentido como aquele que contribui para o outro e para o coletivo.

Para compreender a valorização, revelou uma ambivalência entre o reconhecimento e a invisibilidade social do trabalho das tatuadoras. A análise dessa unidade identificou 28 ocorrências, sendo que em 15 delas as entrevistadas apontaram a ausência de reconhecimento ou valorização por parte da sociedade. As 13 ocorrências restantes expressaram uma percepção positiva, indicando reconhecimento e valorização social da prática profissional. A partir das respostas, é possível observar uma dicotomia nas percepções das tatuadoras em relação ao reconhecimento social de seu trabalho. Enquanto algumas relatam um reconhecimento positivo e crescente, especialmente entre clientes e em contextos específicos, outras enfrentam desafios relacionados ao estigma e à falta de compreensão do valor da profissão. A Tatuadora 02 enfatiza que o machismo enraizado na sociedade leva as mulheres a se esforçarem mais para serem reconhecidas, destacando que frequentemente precisam ultrapassar obstáculos adicionais em comparação com seus colegas masculinos, esse achado corrobora com os resultados da pesquisa de Araújo *et al.* (2022).

Essa perspectiva ainda é enfatizada pela Tatuadora 05, que, embora reconheça que a tatuagem está se tornando mais popular, ainda observa que as mulheres tatuadoras precisam lutar por reconhecimento e respeito em um campo que historicamente tem sido dominado por homens. Adicionalmente, as experiências relatadas pelas tatuadoras mostram que, apesar do crescimento no reconhecimento de seu trabalho, persistem preconceitos e estigmas, como evidenciado pelas falas da Tatuadora 11, que menciona a necessidade de maior valorização das mulheres na profissão. Essa ambivalência reflete uma luta contínua por reconhecimento e igualdade, evidenciando que a valorização social do trabalho de tatuadoras ainda é um tema em evolução. O sentido do trabalho, aqui, se ancora tanto na prática quanto na luta pelo reconhecimento, como propõe Adams (2009), ao defender que o trabalho é socialmente significativo quando permite ao trabalhador ser reconhecido como sujeito ativo e competente dentro e fora de sua profissão.

No que se refere às relações interpessoais fora do ambiente de trabalho, os relatos das participantes evidenciam experiências diversas. Em sua maioria, foram apontadas 26 ocorrências positivas, indicando a presença de um ambiente social acolhedor, caracterizado por reconhecimento e aceitação da profissão por parte do círculo social, o que contribui

para a construção de sentido em relação ao trabalho. Ainda que em menor número, também foram identificadas 2 ocorrências que expressaram percepções de discriminação ou de tratamento diferenciado em razão do exercício da tatuagem como atividade profissional.

As tatuadoras relataram experiências diversas em relação à aceitação social de seu trabalho. A Tatuadora 02, por exemplo, compartilhou sua percepção de discriminação, afirmando: “Todos sabem. É o meu ganha-pão, é o que eu gosto de fazer, não tô machucando ninguém. [...] Negativamente, talvez seja mais a questão de subestimar mesmo.” Essa fala ilustra um desafio enfrentado por algumas profissionais, que sentem que sua atividade é desvalorizada ou mal compreendida. Contrapondo essa visão, a Tatuadora 03 relatou: “Sabem, sim, [...] Algumas pessoas mudam de atitude quando sabem que sou tatuadora. Às vezes ficam curiosas, o que é legal, mas quando é algo negativo eu nem ligo não (mas acontece)”. Esse relato sugere que, embora haja curiosidade e aceitação, também existem momentos de resistência ou preconceito.

Quanto à aceitação social do trabalho, a Tatuadora 06 afirmou: “Sim, todo mundo que me conhece sabe. [...] Não, acho que pela bolha em que eu tô inserida. Mas não costumo me preocupar não”, destacando um contexto social que favorece sua profissão. A Tatuadora 07 compartilhou uma experiência similar: “Sim. Todas as pessoas sabem. Eu nunca senti que me trataram diferente por eu ser tatuadora, eu sempre estou nos mesmos círculos, com as mesmas pessoas, então eu nunca senti isso acontecer”. Essa percepção de aceitação é reforçada pela Tatuadora 09, que comentou: “Sim, todos estão cientes. [...] O diferente às vezes é as pessoas me tratarem bem quando descobrem que eu sou tatuadora”. Esses relatos evidenciam que, em geral, há uma aceitação social em relação ao trabalho de tatuadora, o que contribui para a construção de um trabalho significativo. No entanto, as experiências de discriminação e a percepção de um ambiente social desfavorável, embora menos frequentes, revelam desafios persistentes que algumas tatuadoras enfrentam. Essa dualidade nas relações interpessoais destaca a complexidade do reconhecimento social do trabalho de tatuadora e suas implicações para a construção de um sentido no trabalho.

O reconhecimento social da profissão tatuadora é, portanto, filtrado por relações de poder estruturais, isso é coerente com Araújo et al. (2022), que observam que mulheres tatuadoras precisam reafirmar constantemente sua legitimidade em um campo tradicionalmente masculino. Ressalta-se que tais registros não devem ser interpretados como expressões absolutas de sentido ou de ausência dele, mas como experiências situadas, permeadas por nuances, ambivalências e tensões. As relações sociais, nesse sentido, não operam de forma unívoca, podendo tanto reforçar quanto fragilizar o modo como o trabalho é percebido pelas profissionais.

Tabela 2

Comparação entre achados empíricos e literatura - Sentidos do trabalho para mulheres tatuadoras

Achados Empíricos	Diálogo com a literatura	Novas contribuições do Estudo
Identificação com a profissão reforça o sentido do trabalho, articulando realização, valores pessoais e construção da identidade.	Como indicam Morin (2007), Tolfo e Piccinini (2007) e Rohm e Lopes (2015), ao associarem sentido à coerência entre o trabalho e a visão de si.	A centralidade dessa identificação em profissões criativas, em que o vínculo emocional com a tatuagem antecede a profissionalização formal.
A conexão emocional com a prática previne a alienação, ao tornar o trabalho mais consciente e significativo.	Em linha com Vilas Boas e Morin (2016) e Rohm e Lopes (2015), que destacam a importância da consciência e do envolvimento subjetivo para reduzir a alienação.	Entre tatuadoras, essa conexão está ligada à escolha autônoma pela profissão e ao desejo de permanência, mesmo diante das instabilidades.
O reconhecimento por parte dos clientes fortalece o sentido do trabalho e a autoestima profissional.	Morin (2004) e Araújo et al. (2022) ressaltam a valorização externa como componente do sentido no trabalho.	A centralidade do reconhecimento para legitimar a tatuagem como “trabalho de verdade” nas trajetórias das mulheres.
A busca por liberdade e não sujeição a regras rígidas impulsiona a escolha pela profissão de tatuadora, revelando o desejo por coerência entre valores pessoais e prática profissional.	A escolha por trajetórias não convencionais como forma de construção de sentido é discutida por Antunes (2009), Costa et al. (2022) e Morin (2001), que destacam o papel da autonomia na percepção de coerência e propósito.	A pesquisa mostra que a tatuagem pode ser entendida como estratégia de afirmação de identidade profissional para mulheres que rejeitam formas tradicionais de inserção no mercado.
A satisfação dos clientes e o impacto positivo na vida deles atribuem utilidade ao trabalho, especialmente em coberturas de cicatrizes.	Oliveira et al. (2004), que associam utilidade à percepção de contribuição para o bem-estar de outras pessoas.	O estudo destaca o valor simbólico e terapêutico de tatuagens reparadoras, como as que cobrem cicatrizes, revelando uma dimensão emocional da utilidade ainda pouco discutida.
O ambiente da tatuagem, historicamente masculino, impõe desafios, mas também gera oportunidades de resistência e afirmação.	Alvesson e Billing (2009); Mifflin (2013); Thompson (2015); Araújo et al. (2022), ao discutirem gênero, trabalho e resistência.	Evidencia-se a tatuagem como um espaço de disputa simbólica, em que mulheres reconfiguram normas e afirmam sua presença como ato político.

O sentido do trabalho é ressignificado ao longo da trajetória, especialmente após transições de carreira e enfrentamentos pessoais, evidenciando o vínculo afetivo com a prática artística.	Schweitzer et al. (2016) e Canholi et al. (2016) abordam o caráter dinâmico dos sentidos do trabalho, influenciados por experiências emocionais, mudanças de contexto e reinvenção subjetiva do trabalho.	A reconfiguração dos sentidos a partir de vivências pessoais destaca o papel da tatuagem como prática terapêutica e de reconstrução subjetiva para as mulheres entrevistadas.
A informalidade da profissão permite maior controle sobre horários e rotinas, mas também acarreta ausência de direitos e instabilidade, o que impacta a sensação de segurança no trabalho.	Antunes (2009) discute as ambiguidades da informalidade no trabalho contemporâneo, destacando suas vantagens e fragilidades em termos de proteção social e reconhecimento.	A informalidade amplia a autonomia, mas intensifica vulnerabilidades ligadas a assédio, desvalorização e exclusão de espaços legitimados, apontando especificidades pouco exploradas nos estudos sobre trabalho criativo.
Algumas tatuadoras relatam discriminações sutis ou explícitas no ambiente de trabalho, sendo subestimadas por serem mulheres. Apesar do crescimento da tatuagem como campo reconhecido, ainda há estigmas e resistências sociais que atingem com mais força as mulheres tatuadoras, afetando o reconhecimento e a legitimidade profissional.	Mifflin (2013); Thompson (2015); Alvesson e Billing (2009), sobre desigualdades de gênero em ambientes profissionais.	O estudo identifica a presença simultânea de acolhimento e exclusão no mesmo espaço de trabalho, revelando ambivalências pouco exploradas na literatura.
A aprendizagem e ascensão na tatuagem ocorrem, em muitos casos, de forma autodidata ou por redes informais, o que pode limitar o acesso a espaços de maior visibilidade e prestígio profissional.	Zimmermann (2023) ressalta os desafios das mulheres na construção de credibilidade profissional em espaços tradicionalmente masculinos e informalizados.	A falta de estrutura formal de ensino e a disputa por visibilidade revelam barreiras de gênero específicas, que afetam o reconhecimento técnico e artístico das mulheres tatuadoras.
A tatuagem permite criar redes de apoio entre tatuadoras e clientes, favorecendo espaços de acolhimento, escuta e confiança mútua, sobretudo entre mulheres.	Butler (2003) destaca os vínculos entre identidade, corpo e práticas sociais, sugerindo que o trabalho com o corpo pode constituir formas de resistência e criação de comunidades afetivas.	A criação de redes de apoio e afeto entre tatuadoras e clientes é destacada como forma de resistência aos modelos hierárquicos e excludentes de trabalho.

Fonte: Elaboração própria.

É importante destacar que a adoção de categorias dicotômicas ao longo da análise – como presença ou ausência de sentido – constituiu uma estratégia metodológica para organizar os dados e favorecer a sistematização dos achados. Tal estrutura não pretende representar de forma exaustiva a complexidade das experiências narradas pelas participantes, tampouco reduzir os sentidos do trabalho a polos fixos e excludentes. Pelo contrário, os relatos evidenciam nuances, ambivalências e contradições que escapam à lógica binária. Assim, o modelo analítico adotado deve ser compreendido como um recurso que possibilita a leitura inicial das dimensões investigadas, sem desconsiderar a natureza fluida e multifacetada dos sentidos atribuídos ao trabalho pelas mulheres tatuadoras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender os sentidos do trabalho para mulheres na profissão tatuadora, a partir das dimensões individual, organizacional e social, conforme o modelo teórico de Morin, Tonelli e Pliopas (2003/2007). Os resultados indicam que a tatuagem é, para as participantes, uma prática fortemente vinculada à autonomia, expressão artística e estabilidade financeira, ainda que marcada por desafios como a instabilidade econômica e o estigma social.

Os resultados revelam que, na dimensão individual, o trabalho como tatuadora é associado a valores pessoais e éticos, sendo fonte de prazer, coerência, independência e realização, apesar de desafios como a instabilidade financeira que comprometem, para algumas, a percepção de sucesso; a baixa incidência de alienação e a forte identificação com a prática artística reforçam a conexão entre profissão e identidade. Na dimensão organizacional, o trabalho é valorizado pela utilidade percebida pelos clientes e pela autonomia criativa, mas ainda enfrenta preconceitos e discriminação. Nesse sentido, os resultados indicam a importância de ambientes de trabalho que reconheçam a diversidade de gênero e promovam relações igualitárias, oferecendo subsídios para iniciativas de gestão da diversidade e formação de profissionais em contextos criativos. A partir disso, a tatuagem pode ser compreendida não apenas como prática estética, mas como forma de intervenção cultural, artística e social, com potencial de engajamento em políticas públicas de arte, cultura e saúde.

Os resultados desse estudo são específicos para os contextos em que as tatuadoras estão inseridas: metade trabalha em um estúdio de tatuagem, enquanto a outra metade atua em estúdios particulares na cidade de Fortaleza. A pesquisa focou em um grupo específico de tatuadoras, limitando a capacidade de generalizar as conclusões para outros

contextos. A análise revelou uma homogeneidade nas respostas, sugerindo uma visão compartilhada entre as participantes. Esse padrão pode estar relacionado à concentração das participantes em contextos semelhantes e às experiências profissionais compartilhadas. Embora não tenham sido identificadas diferenças significativas relacionadas ao tempo de atuação, a consistência nas respostas proporciona uma visão coesa, mas também limita a exploração mais profunda das variações individuais. Pesquisas futuras poderão comparar dimensões e sentidos do trabalho em profissões criativas e com interação direta com o público, permitindo uma análise mais ampla sobre as percepções em diferentes configurações profissionais. Além disso, analisar como o sentido do trabalho se manifesta em profissões dominadas por homens, como engenharia e tecnologia, poderá revelar o impacto de fatores de gênero e organização nas experiências profissionais, ampliando o entendimento das dinâmicas e da valorização do trabalho em diversos contextos.

Dentre as contribuições teóricas do estudo, destaca-se a ampliação da aplicação do modelo de Morin (2003/2007) a contextos artísticos e informais, demonstrando sua aderência a realidades profissionais não organizacionais convencionais. Além disso, os resultados evidenciam o gênero como categoria estruturante dos sentidos do trabalho, apontando como experiências de autonomia, reconhecimento simbólico e enfrentamento de estigmas estão atravessadas por marcadores sociais. Essa perspectiva contribui para os debates contemporâneos sobre gênero e trabalho – especialmente em profissões criativas e ainda pouco exploradas na literatura –, ao mesmo tempo em que reconhece os limites de uma abordagem exclusivamente binária.

Ademais, seria pertinente desenvolver investigações comparativas entre tatuadoras e tatuadores, de modo a compreender de forma mais aprofundada o papel do gênero na construção dos sentidos do trabalho em contextos criativos. Igualmente relevante incluir pessoas de identidades de gênero diversas, como pessoas trans e não-binárias, cujas experiências de trabalho ainda são amplamente invisibilizadas nas pesquisas acadêmicas, mas podem revelar outras formas de tensionar, ressignificar ou ampliar os sentidos atribuídos ao trabalho. Além disso, ampliar esse tipo de estudo para outras profissões criativas e informais com forte componente estético, como maquiagem artística, gastronomia autoral ou moda independente, pode contribuir para a diversificação teórica e empírica sobre o tema.

Em conclusão, esse estudo revelou que a profissão de tatuadora proporciona, para a maioria das participantes, senso de realização pessoal e autonomia, características que reforçam o apelo da profissão para quem busca expressar sua criatividade de forma independente. No entanto, apesar dos benefícios, ainda persistem desafios significativos, especialmente no que diz respeito ao estigma social associado à tatuagem e à falta de reconhecimento social da prática enquanto profissão. As tatuadoras, em muitos casos, continuam enfrentando preconceitos, tanto em esferas pessoais quanto profissionais, impactando diretamente sua valorização no mercado de trabalho e na sociedade. Essa constatação reforça a necessidade de ações voltadas ao fortalecimento da profissão no campo das políticas públicas, da educação estética e da economia criativa. Nesse sentido, a pesquisa enfatiza a importância de promover a conscientização sobre a tatuagem como uma forma legítima de arte e expressão cultural, destacando a necessidade de iniciativas que fortaleçam seu reconhecimento social e profissional, tanto no campo artístico quanto no econômico, ampliando a visibilidade e o respeito à profissão.

REFERÊNCIAS

- Adams, J. (2009). Marked difference: Tattooing and its association with deviance in the United States. *Deviant Behavior*, 30, 266–292. <https://doi.org/10.1080/01639620802168817>
- Adams, J. (2012). Cleaning up the dirty work: Professionalization and the management of stigma in the cosmetic surgery and tattoo industries. *Deviant Behavior*, 33(3), 149-167. <https://doi.org/10.1080/01639625.2010.548297>
- Alexandrino, T. N. B., Zluhan, M. R., & Corrêa, S. S. (2025). Sentidos ambivalentes atribuídos pelos professores ao trabalho docente. *Revista on Line de Política e Gestão Educacional*, 29, e025012. <https://doi.org/10.22633/rpge.v29i00.20286>
- Alvesson, M., & Billing, Y. D. (2009) *Understanding Gender and Organizations*. London: Sage.
- Antunes, R. (1999). *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo, SP: Boitempo Editorial.
- Antunes, R. (2006). *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo, SP: Cortez.
- Araújo, R. A., Catrib, I. C., Paiva, L. E. B., & Lima, T. C. B. (2022) Cadê o tatuador? Construção da identidade profissional e estigma de mulheres na profissão tatuadora. *Gestão & Regionalidade*, 38(114), 41-62. <https://doi.org/10.13037/gr.vol38n114.7497>
- Blanco, R. (2019). Mujer, género, queer: Un vocabulario reciente para las ciencias sociales locales. In M. Casarín & P. Arán (Eds.), *Ciencias sociales: Balance y perspectivas desde América Latina* (pp. 55–74). Centro de Estudios Avanzados. <https://doi.org/10.2307/j.ctv31vqp9q.7>
- Butler, J. (2018). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. 16. ed. Civilização Brasileira.
- Canholi, C., Junior, Lima, T. C. B., Lima, M. A. M., & Viana, L. M. M. (2016) Sentidos do trabalho para trabalhadores do saneamento básico. *EnANPAD XXVIII Encontro da ANPAD – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*. Curitiba, Paraná.
- Costa, S. D. M., & Vieira, M. K. C. (2024). Sentidos do Trabalho: Itinerários de Pesquisas em uma Revisão Sistemática da Literatura. *Revista Gestão & Conexões*, 13(3), 204-204. <https://doi.org/10.47456/regec.2317-5087.2024.13.3.43643.204.224>
- Costa, S. D. M., Paiva, K. C. M. P., & Rodrigues, A. L. (2022). Sentidos do trabalho: possibilidades de diálogos entre Estelle Morin e Ricardo Antunes? *Revista Gestão e Planejamento*, 23, 573–588. <https://doi.org/10.53706/gep.v.23.7248>

- Dall'Bello, C. (2019) *Vida e sentidos na perspectiva de Viktor Frankl: Um estudo sobre o sentido da vida e do trabalho na atualidade*. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS. <http://tede.upf.br:8080/jspui/handle/tede/1889>
- Degelman, D., & Price, N.D. (2002). Tattoos and ratings of personal characteristics. *Psychological Reports*, 90, 507–514. <https://doi.org/10.2466/pr0.2002.90.2.507>
- Duan, J., Wang, X., Liu, Y., & Han, L. (2024). Linking paternalistic leadership to employee creativity: A meaning-based perspective. *Leadership & Organization Development Journal*, 45 (2), 283-303. <https://doi.org/10.1108/LODJ-11-2021-0497>
- Ferraz, D. L. S., & Fernandes, P. C. M. (2019). Desvendando os sentidos do trabalho: Limites, potencialidades e agenda de pesquisa. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 22(2), 165-184. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v22i2p165-184>
- Ferreira, S. (2023). A análise de conteúdo: Um método para a análise de dados em pesquisas qualitativas. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 11(26), 202–224. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.26.502>
- Fontana, C. P. (2021). A evolução do trabalho: Da pré-história até ao teletrabalho. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 7(7), 1155–1168. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i7.1759>
- Frankl, E. (2018) *Psicoterapia para todos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes.
- Galvão, A. A., Casa Nova, S. P. C., & Círico, J. (2025). Pessoas não-binárias no mercado de trabalho: Uma revisão integrativa da literatura. *Revista Catarinense de Ciências Contábeis*, 24, 1-22. <https://doi.org/10.16930/2237-766220253618>
- Hennink M., & Kaiser, B. N. (2022). Sample sizes for saturation in qualitative research: A systematic review of empirical tests. *Social Science & Medicine*, 292, e114523. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.114523>
- Hidayat, S., Eliyana, A., Pratama, A. S., Emur, A. P., & Nugraha, B. K. (2023) Building creativity in the television industry: The mediating role of meaning of work. *Problems and Perspectives in Management*, 21(2), 347-355. [https://doi.org/10.21511/ppm.21\(2\).2023.34](https://doi.org/10.21511/ppm.21(2).2023.34)
- Hu, J., & Zhang, T. H. (2024) National unemployment rates and the meaning of work: A cross-level examination. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 1-14, 2024. <https://doi.org/10.1080/1359432X.2024.2323221>
- Kluger, N. (2015) Tatoués, qui êtes-vous? Caractéristiques démographiques et comportementales des personnes tatouées. *Annales de Dermatologie et de Vénéréologie*. Elsevier Masson. 410-420. <https://doi.org/10.1016/j.annder.2015.03.014>
- Letona-Ibañez, O., Martínez-Rodríguez, S., Ortiz-Marques, N., Carrasco, M., & Amillano, A. (2021). Job crafting and work engagement: The mediating role of work meaning. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(10), 5383. <https://doi.org/10.3390/ijerph18105383>
- Martins, B. V., & Oliveira, S. R. (2017). Qualificação profissional, mercado de trabalho e mobilidade social: Cursos superiores de tecnologia. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 12(2), 21-45. https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v12i2.13404
- Mata, V. A. (2022). O trabalho em Hegel e Marx: Formação e deformação do humano. *Cadernos do GPOSSHE On-line*, 6(2). <https://doi.org/10.33241/cadernosdogposshe.v6i2.9336>
- Mattos, F. A. M. (2015) Avanços e dificuldades para o mercado de trabalho. *Estudos avançados*, 69-85. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142015008500006>
- Mifflin, M. (2013). *Bodies of Subversion: A Secret History of Women and Tattoo*. Seal Press.
- Moraes, L. S. (2021). O homem e a ocupação: uma discussão acerca da relação do homem com o trabalho. In J. C. P. Souza, D. R. C. Cavalcante & S. C. G. Figueiredo (Orgs.). *A saúde mental em discussão: volume 1* (pp. 115-130). Belo Horizonte: Poisson. <https://doi.org/10.36229/978-65-5866-086-6.CAP.07>
- Morin, E. M. (2001). Os sentidos do trabalho. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, 41(3), 08-19. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902001000300002>
- Morin, E. M. (2004). The meaning of work in modern times. *Conference: 10th World Congress on Human Resources Management*, Rio de Janeiro, Brazil.
- Morin, E. M., Tonelli, M. J., & Pliopas, A. L. V. (2007). O trabalho e seus sentidos. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 47-56. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400008>
- Morin, E., Tonelli, M. J., & Pliopas, A. L. V. (2003). O trabalho e seus sentidos. In.: Encontro Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração, 27, 2003, Atibaia.
- Neves, D. R., Nascimento, R. P., Felix, M. S., Jr., Silva, F. A., & Andrade, R. O. B. (2018). Sentido e significado do trabalho: Uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. *Cadernos EBAPE.BR*, 16(2), 318–330. <https://doi.org/10.1590/1679-395159388>
- Oliveira, R. C. A. A., & Moura, R. G. (2021). Profession: Female tattoo artist - Workers in an Eminently Male World (and Market). *Revista FSA - Revistas do Centro Universitário Santo Agostinho*, 18(6), 1-12. <https://doi.org/10.12819/2021.18.6.2>
- Oliveira, S. R., Piccinini, V. C., Fontoura, D. S., & Schweig, C. (2004). Buscando o sentido do trabalho. In: *Anais do XXVIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*. Porto Alegre, RS, ANPAD.
- Pereira, J. R., Paiva, K. C., & Irigaray, H. A. (2021). “Trabalho sujo”, significado, sentido e identidade: Proposição de análise integrada e perspectivas de pesquisas. *Cadernos EBAPE.BR*, 19(4), 829-841. <https://doi.org/10.1590/1679-395120210167>
- Peres, V. L. A. (2019) Qualitative research and subjectivity: The construction of information processes. *Rev. Bras. Psicodrama*, 27(1), 132-135. <https://doi.org/10.15329/0104-5393.20190016>
- Peterson, J. B. (2018) *12 regras para a vida: um antídoto para o caos*. Rio de Janeiro: Alta Books.
- Piccinini, V. et al. (2004) *Buscando o sentido do trabalho. Relatório de Pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS/CNPq.
- Rodrigues, A. L., Barrichello, A., & Morin, E. M. (2016). Os sentidos do trabalho para profissionais de enfermagem: Um estudo multimétodos. *Revista de Administração de Empresas*, 56(2), 192-208. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020160202>
- Rohm, R. H. D., & Lopes, N. F. (2015) O novo sentido do trabalho para o sujeito pós-moderno: uma abordagem crítica. *Cadernos EBAPE.BR*, 13(2), 332-345. <https://doi.org/10.1590/1679-395117179>
- Sá, J. G. S., Lemos, A. H. C., & Oliveira, L. B. (2022). Para além dos estereótipos: Os sentidos do trabalho para mulheres da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. *Cadernos EBAPE.BR*, 20(4), 1-14. <https://doi.org/10.1590/1679-395120210109>

- Schlösser, A., Giacomozzi, A. I., Camargo, B. V., Silva, E. Z. P. D., & Xavier, M. (2020) Tattooed and non-tattooed women: Motivation, social practices and risk behavior. *Psico-USF*, 25(1), 51-62. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250105>
- Schweitzer, L., Gonçalves, J., Tolfo, R. S., & Silva, N. (2016). Bases epistemológicas sobre sentido(s) e significado(s) do trabalho em estudos nacionais. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 16(1), 103-116. <https://doi.org/10.17652/rpot/2016.1.680>
- Silva, F. B., & Berrá, L. (2018) Desafios das mulheres em cargos de liderança. *Revista Destaque Acadêmico*, 10(1), 166-185. <https://doi.org/10.22410/issn.2176-3070.v10i1a2018.1750>
- Siqueira, D. P., & Samparo, A. J. F. (2017) Os direitos da mulher no mercado de trabalho: Da discriminação de gênero à luta pela igualdade. *Revista Direito em Debate*, 26(48), 287-325. <https://doi.org/10.21527/2176-6622.2017.48.287-325>
- Thompson, B. Y. (2015) Covered in ink: Tattoos, women and the politics of the body. *NYU Press*. <https://doi.org/10.18574/nyu/9780814760000.001.0001>
- Thompson, B. Y. (2019) Women covered in ink: tattoo collecting as serious leisure. *International Journal of the Sociology of Leisure*, 2(3), 285-299. <https://doi.org/10.1007/s41978-018-00027-7>
- Tolfo, R., & Piccinini, V. (2007) Sentidos e significados do trabalho: Explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, 19(spe.1), 38-46. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400007>
- Veschi, B. (2019) *Etimologia de trabalho*. Portal Etimologia. <https://etimologia.com.br/trabalho>
- Vilas Boas, A. A., & Morin, E. M. (2016) Indicadores de qualidade de vida no trabalho para professores de instituições públicas de ensino superior: Uma comparação entre Brasil e Canadá. *Contextus - Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 14(2), 170-199. <https://doi.org/10.19094/contextus.2023.88623>
- Zhang, Z., & Xie, J. (2024) How and when does boundary spanning behavior influence employees' creative performance? The roles of meaning of work and team Chaxu climate. *Current Psychology*, 43, 1–11. <https://doi.org/10.1007/s12144-024-05911-y>
- Zimmermann, L. S. (2023). El rol de las epistemologías feministas y trans* en la deconstrucción de la ciencia androcéntrica y [cis]sexista. *Ciencia Política*, 18(35), 61–91. <https://doi.org/10.15446/cp.v18n35.104940>

CONTEXTUS

REVISTA CONTEMPORÂNEA DE ECONOMIA E GESTÃO.

ISSN 1678-2089

ISSNe 2178-9258

1. Economia, Administração e Contabilidade – Periódico
2. Universidade Federal do Ceará. FEAAC – Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade

**FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO,
ATUÁRIA E CONTABILIDADE (FEAAC)**

Av. da Universidade – 2486, Benfica

CEP 60020-180, Fortaleza-CE

DIRETORIA: Carlos Adriano Santos Gomes Gordiano
José Carlos Lázaro da Silva Filho

Website: www.periodicos.ufc.br/contextus

E-mail: revistacontextus@ufc.br



A Contextus assina a Declaração de São Francisco sobre a Avaliação de Pesquisas (DORA).



A Contextus é associada à Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC).



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional.

EDITOR-CHEFE

Diego de Queiroz Machado (UFC)

EDITORES ADJUNTOS

Márcia Zabdiele Moreira (UFC)

SUPOORTE ADMINISTRATIVO E DE EDITORAÇÃO

Heloísa de Paula Pessoa Rocha (UFC)

EDITORES ASSOCIADOS

Adriana Rodrigues Silva (IPSantarém, Portugal)
Alessandra de Sá Mello da Costa (PUC-Rio)
Allysson Alex Araújo (UFCA)
Andrew Beheregarai Finger (UFAL)
Armindo dos Santos de Sousa Teodósio (PUC-MG)
Brunno Fernandes da Silva Gaião (UEPB)
Carlos Enrique Carrasco Gutierrez (UCB)
Cláudio Bezerra Leopoldino (UFC)
Dalton Chaves Vilela Júnior (UFAM)
Elionor Farah Jreige Weffort (FECAP)
Ellen Campos Sousa (Gardner-Webb, EUA)
Gabriel Moreira Campos (UFES)
Guilherme Jonas Costa da Silva (UFU)
Henrique César Muzzio de Paiva Barroso (UFPE)
Jorge de Souza Bispo (UFBA)
Keysa Manuela Cunha de Mascena (UNIFOR)
Manuel Anibal Silva Portugal Vasconcelos Ferreira (UNINOVE)
Marcos Cohen (PUC-Rio)
Marcos Ferreira Santos (La Sabana, Colômbia)
Mariluce Paes-de-Souza (UNIR)
Minelle Enéas da Silva (Universidade de Manitoba, Canadá)
Pedro Jácome de Moura Jr. (UFPB)
Rafael Fernandes de Mesquita (IFPI)
Rosimeire Pimentel (UFES)
Sonia Maria da Silva Gomes (UFBA)
Susana Jorge (UC, Portugal)
Thiago Henrique Moreira Goes (UFPR)

CONSELHO EDITORIAL

Ana Sílvia Rocha Ipiranga (UECE)
Conceição de Maria Pinheiro Barros (UFC)
Danielle Augusto Peres (UFC)
Diego de Queiroz Machado (UFC)
Editinete André da Rocha Garcia (UFC)
Emerson Luís Lemos Marinho (UFC)
Eveline Barbosa Silva Carvalho (UFC)
Fátima Regina Ney Matos (ISMT)
Mario Henrique Ogasavara (ESPM)
Paulo Rogério Faustino Matos (UFC)
Rodrigo Bandeira-de-Mello (FGV-EAESP)
Vasco Almeida (ISMT)

CORPO EDITORIAL CIENTÍFICO

Alexandre Reis Graeml (UTFPR)
Augusto Cezar de Aquino Cabral (UFC)
Denise Del Pra Netto Machado (FURB)
Ednilson Bernardes (Georgia Southern University)
Ely Laureano Paiva (FGV-EAESP)
Eugenio Ávila Pedrozo (UFRGS)
Francisco José da Costa (UFPB)
Isak Kruglianskas (FEA-USP)
José Antônio Puppim de Oliveira (UCL)
José Carlos Barbieri (FGV-EAESP)
José Carlos Lázaro da Silva Filho (UFC)
José Célio de Andrade (UFBA)
Luciana Marques Vieira (UNISINOS)
Luciano Barin-Cruz (HEC Montréal)
Luis Carlos Di Serio (FGV-EAESP)
Marcelle Colares Oliveira (UFC)
Maria Ceci Araujo Misoczky (UFRGS)
Mônica Cavalcanti Sá Abreu (UFC)
Mozar José de Brito (UFL)
Renata Giovinnazzo Spers (FEA-USP)
Sandra Maria dos Santos (UFC)
Walter Bataglia (MACKENZIE)